I - As representações sociais sobre o corpo, a pele e suas doenças a partir do pensamento indígena

Douglas A. Rodrigues
Jane Tomimori
Marcos C. Floriano
Sofia Mendonça

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, DA., *et al.* *Atlas de dermatologia em povos indígenas* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2010. As representações sociais sobre o corpo, a pele e suas doenças a partir do pensamento indígena, p. 13-32. ISBN 978-85-61673-68-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

I
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
SOBRE O CORPO,
A PELE E SUAS DOENÇAS A PARTIR
DO PENSAMENTO INDÍGENA

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas.

DAOLIO, 1995

A IDEIA ORIGINAL DESTES LIVROS surgiu da observação da alta prevalência das doenças de pele na prática diária dos profissionais de saúde que trabalham em serviços de Atenção Básica à Saúde em áreas indígenas da Amazônia e da inexistência de material de apoio adequado dirigido a esses profissionais.

Surge como um dos resultados de uma pesquisa-ação denominada “Inquérito Dermatológico e Avaliação da Evolução da Doença de Jorge Lobo em Índios Caiabi, Brasil Central”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp (processo 2006/03908-0), que tinha como objetivos, além da revisão dos casos de Doença de Jorge Lobo, a realização de um inquérito de prevalência das dermatoses nas aldeias da região do médio, baixo e leste do Parque Indígena do Xingu, e a capacitação da equipe local de saúde no manejo das principais doenças de pele encontradas no cotidiano dos serviços locais. A realização deste atlas foi possível mediante a cooperação entre o Projeto Xingu, do Departamento de Medicina Preventiva, e o Departamento de Dermatologia da Escola Paulista de Medicina, ambos da Unifesp.

Pareceu-nos importante apresentar neste livro, além do conhecimento científico, o olhar dos próprios índios sobre o seu corpo e sua pele, como esses povos pensam, classificam e interferem no processo de saúde-doença, e qual o itinerário terapêutico que percorrem para resolver os problemas relacionados sua pele.

O CORPO E A PELE: SEDE DE SIGNOS SOCIAIS

O corpo e, particularmente a pele, são como uma apresentação da pessoa ao seu ambiente e à sua comunidade, por isso podem ser vistos como o contato do indivíduo com o exterior, regido pela cultura. Signos como tatuagens, pinturas e escarificações podem ser inscritos no corpo e revelar a que grupo pertence a pessoa, que *status* social ocupa ou mesmo seu estado de espírito.

Como uma tela de pintura, a pele pode exibir os mais diferentes desenhos, combinando cores e adornos, dependendo do momento, do estado de espírito, da saúde ou do ritual. Em geral, nos períodos de luto não se pinta, não se enfeita o corpo, revelando por meio dele o sentimento de tristeza.

Segundo David Le Breton, em seu livro *A Sociologia do Corpo*¹, sobre as inscrições corporais:

A marcação social e cultural do corpo pode se completar pela escrita direta do coletivo na pele do ator. Pode ser feita em forma de remoção, de deformação ou de acréscimo. Essa modelagem simbólica é relativamente frequente nas sociedades humanas: ablação ritual de um fragmento do corpo (prepúcio, clitóris, dentes, dedos, tonsura etc.), marcação na epiderme (escarificação, incisão, cicatriz aparente, infibulação, modelagem dos dentes etc.); inscrições tegumentares na forma de tatuagens definitivas ou provisórias, maquiagem etc.; modificações da forma do corpo [...]; uso de joias ou de objetos rituais que deformam o corpo: anéis de junco e pérolas que provocam, com o crescimento do indivíduo, um alongamento do pescoço, inserção de discos nos lábios superiores ou inferiores [...]. Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, elas são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou separação. Elas integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca. Elas humanizam o homem colocando-o socialmente no mundo [...]. Elas reproduzem o *status* social, ou mais especificamente matrimonial, num mundo legível por todos.

Sobre o corpo e a pele, como sede de significados sociais, Clastres² nos revela outra perspectiva, a do corpo “como superfície de escrita [...] apta para receber o texto legível da lei”, da obediência às regras e leis sociais, particularmente quando se refere à função do sofrimento e da cicatriz. O corpo é a memória, por exemplo, nos rituais de iniciação das sociedades indígenas, a escarificação, as tatuagens ou outros pro-

1. D. Le Breton, *A Sociologia do Corpo*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2007, pp. 39-61.

2. P. Clastres, *A Sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política*, São Paulo, Cosac Naify, 2000.

cedimentos deixam uma marca. Uma marca que conta a história de vida do sujeito. O corpo e a pele são construídos durante todo o ciclo biológico, guardando para a adolescência o momento mais importante para a sua modelagem.

No ritual iniciático, a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens... A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória. A marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo... A sociedade dita a sua lei aos seus membros, inscreve o texto da lei sobre a superfície dos corpos [...]. A marca sobre o corpo, igual sobre todos os corpos, enuncia: “tu não terás o desejo do poder, nem desejarás ser submisso”, e essa lei não separada só pode ser inscrita num espaço não separado: o próprio corpo (Clastres, 2000, p. 196).

Entre os Ikpeng, por exemplo, as crianças entre sete e nove anos devem fazer a tatuagem no rosto, marca característica desse povo, em um rito de passagem. Toda a aldeia se mobiliza para essa festa:

A principal festa celebrada por esse povo, Ikpeng, é Moyngo, em que são tatuados os rostos dos meninos. O ritual é antecedido por muitas sessões de dança e, ao final, por uma grande caçada, da qual participam os pais das crianças a serem tatuadas, que são os donos da festa. Depois de cerca de um mês, um mensageiro da expedição é enviado à aldeia anunciando a volta dos caçadores. No dia seguinte, durante uma sessão de danças ao som de flautas e o canto do cacique, vão chegando os caçadores com uma cesta imensa, repleta de caças.

Os caçadores acampam próximos à aldeia e as mulheres vão até lá buscar caça moqueada e levar beijos. Os participantes revestem o corpo com uma resina de madeira e nele grudam penas de aves. Entram na aldeia ao anoitecer e bebem perereba doce (mingau). Em seguida, cada homem dança segurando em uma mão uma criança que será tatuada e na outra uma tocha. Novamente passam uma noite inteira dançando. Por fim, na derradeira manhã de festa, as crianças são tatuadas. Primeiro se fazem incisões (listras) no rosto da criança com espinho de tucum e então passam o carvão extraído da resina do jatobá (Instituto Socioambiental, s.d.).

A PELE COMO LIMITE DO CORPO E TROCA DE SUBSTÂNCIAS

A preocupação com o corpo, e com a pele em especial, é muito grande entre os povos indígenas, estética e funcionalmente. A estética e a beleza são cultuadas desde cedo, na primeira infância.

A pele, limite do corpo, contato com o exterior, também tem um papel chave para a proteção do corpo e, ao mesmo tempo, funciona como porta de entrada de remédios.

São inúmeros os procedimentos realizados na pele para proteção do corpo como as pinturas especiais, principalmente nas crianças, com o uso de óleos de pequi, tucum ou inajá. O urucum ou açafrão, por exemplo, afastam maus espíritos e também insetos. A pasta de urucum, o jenipapo, as penas de aves, resinas de algumas árvores especiais e algodão são usados como roupas ou fantasias em seus ritos e festas. Para os índios, um corpo pintado é um corpo saudável.

A modelagem do corpo começa na criança ainda pequena com a amarração na perna, logo abaixo do joelho, para tornar a perna mais bonita. A amarração também é feita no braço, na altura da inserção do músculo deltoide para deixá-lo bonito e arredondado.

Para o tratamento de inúmeras doenças, a pele constitui parte fundamental, seja para retirar objetos inoculados pelos *mamaê* ou espíritos, seja para absorver propriedades curativas de plantas. Em vários procedimentos terapêuticos são realizados banhos com ervas, folhas, cascas e/ou raízes. A pele também pode ser escarificada para purificar o corpo pela saída do sangue escuro e o que de ruim ele guarda; para eliminar a preguiça, um dos fatores que predispõe às doenças; e para possibilitar a entrada dos remédios.

A seguir, os cuidados dispensados ao corpo e à pele usados em diferentes eventos e etapas da vida da comunidade.

O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS DOENÇAS DA PELE

Durante o processo de estruturar e implementar serviços de saúde em áreas indígenas, partindo do conhecimento científico e da biomedicina, foram encontrados sistemas de cura e itinerários terapêuticos bastante distintos.

A visão do processo de adoecimento, a concepção de corpo e de saúde desses povos tem como referência sua visão de mundo. A doença não existe fora do contexto sociocultural, o processo saúde-doença acontece a partir das representações da doença dentro de cada sociedade, e se revela, basicamente, em suas três dimensões: subjetiva, biofísica e sociocultural. Considerando, respectivamente, o sentir-se doente, os sinais e sintomas físicos, e a percepção do grupo, portanto sociocultural do estar doente. Essas três realidades interagem continuamente de forma dinâmica e processual (Buchillet, 1991).

Para os povos indígenas do Xingu as doenças de pele estão associadas à alimentação, à transgressão de regras sociais, ao contágio com outros doentes e aos feitiços, depen-

dendo do tipo de lesão e sua evolução, como mostram as entrevistas realizadas pelos agentes de saúde com os sábios, pajés e raizeiros de suas comunidades. Mais recentemente, passaram a atribuir algumas doenças de pele à falta de higiene pessoal, principalmente relacionadas ao uso de roupas, cobertores e redes sem o cuidado necessário.

Em muitos relatos a etiologia da doença de pele está relacionada a espíritos de animais e outros seres da natureza que, frequentemente, guardam semelhança com o aspecto da lesão. Por exemplo, quando come a arraia pintada, é comum o sujeito apresentar lesões arredondadas e esbranquiçadas pelo corpo, assim como na própria arraia. O mesmo acontece com a paca, que tem “pintas” em todo o corpo. Ainda outro exemplo, se a mãe, grávida, comer o mel de determinada abelha, seu filho terá lesões de pele à semelhança de mordidas ou picadas desta abelha.

Além da semelhança física com os seres da natureza, as explicações para o surgimento de doenças de pele nos remetem aos mitos de origem, que têm versões diferentes dependendo do conhecimento do contador de histórias. De qualquer maneira, eles revelam e dão significado a várias regras de comportamento e de relação entre as pessoas, sendo que sua transgressão geralmente leva à doença.

Esses relatos são transcrições de entrevistas realizadas pelos alunos do curso de formação de agentes indígenas de saúde, do Parque Indígena do Xingu, como trabalho de pesquisa de campo em suas comunidades, para o módulo sobre doenças de pele, parasitoses intestinais e meio ambiente, realizado em junho de 2007, no polo Pavuru do DSEI Xingu/MT.

Uma das explicações para determinada doença de pele, de nome *mirukai*, na língua do povo Kaiabi, queimadura parecida com a erisipela, tem sua explicação no mito de origem dos alimentos, como nos contam os agentes de saúde, com base em suas entrevistas com os mais velhos e sábios de sua comunidade:

Antigamente não existiam alimentos como milho, mandioca, amendoim, feijão fava, pimenta, batata, inhame, mangarito, mandioca doce, algodão, cabaça e *janyrũ*, que é um tipo de cabaça que serve para guardar óleo de tucum. O povo Kaiabi passou muitos anos sem ter esses alimentos. As pessoas viviam passando fome. Só comiam frutas silvestres como inajá, tucum, buriti, castanha, cacau, fruta da banana brava e mel.

Muitos anos se passaram até que os filhos de uma mulher viúva, chamada Kupeirup, ao saírem para o mato para procurar mel e frutas, não acharam mais nada; estava difícil de encontrar, porque as frutas que eles haviam plantado não cresceram rápido. Por isso eles não tinham mais frutas para se alimentar naquela região e sua mãe, preocupada, falou:

— Meninos, estou muito triste por causa de vocês, porque vocês não estão mais encontrando frutas e mel. As árvores que vocês plantaram não vão crescer logo, vão demorar para

frutificar. Por isso peço para vocês abrirem uma roça grande. Quando forem queimar, me levem até o meio da roça e me queimem junto. Quando o meu corpo queimar, vão nascer vários produtos da roça para vocês.

Os filhos ficaram tristes com o que a mãe lhes falou, e perguntaram se isso realmente deveria acontecer:

— Por que vamos fazer isso com você, maltratar você? Você é a nossa mãe. Nós só queremos cuidar bem de você. Nós não vamos fazer isso com você.

A mãe deles repetiu novamente:

— Se vocês não fizerem isso comigo, nunca terão alimentos.

Eles responderam:

— Nós sentimos falta de alimentos, mas não podemos queimar você. Isso não será bom para nós.

A mãe falou de novo:

— Meus filhos, eu sei que vocês se preocupam comigo, mas não precisam se preocupar. Peço para vocês me queimarem, porque eu voltarei para vocês novamente.

Os filhos disseram:

— Vamos fazer isso então, mãe.

Mas essa decisão foi tomada com tristeza.

Eles fizeram uma roça grande. Primeiro roçaram, depois derrubaram. Depois de terem derrubado a roça, contaram para a mãe. Ela falou novamente:

— Meninos, chegou a hora de queimar a roça, aí vocês vão me queimar. Não fiquem tristes por minha causa, eu voltarei para vocês. Eu vou me transformar em paca e vou ficar na beira da roça, então vocês devem fazer uma armadilha. Assim vocês podem me pegar com a armadilha. Só não me deixem escapar. Se vocês me deixarem escapar eu não voltarei mais para vocês. Quando vocês queimarem a roça, gritem para me queimar. Quando eu ouvir o grito de vocês, vou mandar as sementes para a roça. Depois que vocês queimarem a roça, devem ir embora para longe, escolher um outro lugar para morar e plantar frutas para vocês consumirem. Assim ela orientou os filhos.

Ela continuou explicando o que eles deveriam fazer:

— O tempo vai passar e vocês vão ver uma curica (ou maritaca) passar por cima de vocês. Esse será o primeiro aviso, quer dizer que a comida já está crescendo. Depois vão passar duas curicas por cima de vocês, avisando que alguns produtos da roça, como o milho, já estarão florescendo. Vai passar mais um tempo e novamente vão passar muitas curicas por cima de vocês. Esse será o sinal de que os produtos da roça já estarão prontos para vocês. Então, a partir desse dia vocês não vão mais passar fome, porque vão nascer muitos tipos diferentes de produtos da roça.

Kupeirup conscientizou seus filhos sobre o preparo dos alimentos e também os ensinou a conservar as sementes e mudas, para que elas não se esgotassem, mantendo os produtos da

roça, para que quando eles roçassem e chegasse na época de plantio, as sementes estivessem bem conservadas. Também orientou os filhos para cuidarem bem dos produtos da roça, para não deixá-los acabar ou desaparecer.

Ela deu várias vezes explicações para os filhos. Depois que terminou de orientá-los, ela disse:

— Chegou a época de queimar a roça, agora vocês já podem levar a minha rede e pendurar no meio da roça, eu vou ficar deitada lá.

Eles levaram a rede da mãe e armaram no meio da roça. Depois de deitar na rede, ela pediu para os filhos colocarem fogo. Ao queimar a roça eles gritaram e chamaram o nome da mãe, dizendo:

— Estamos queimando a roça para você, senhora Kupeirup Kooooo!!!

Os rapazes ficaram na beira da roça olhando o fogo, quando o fogo se aproximou da senhora Kupeirup eles ouviram uma explosão, que eram os alimentos se espalhando, como se fosse uma trovoadas bem no meio da roça.

Quando o barulho diminuiu, eles foram se afastando da roça, rumo ao acampamento onde a mãe pediu para eles ficarem. Era um lugar que tinha muita fartura de frutas da mata. Eles ficaram lá, esperando o tempo passar, seguindo a orientação da mãe.

O tempo foi passando, até que uma maritaca apareceu voando em cima deles. Então eles começaram a ficar alegres, porque sabiam que os alimentos já estavam nascendo. Depois de algum tempo, passaram duas maritacas. Eles disseram:

— Nossos alimentos já estão quase prontos, o milho já deve estar florescendo e o feijão fava já deve ter vagem.

Assim eles ficavam conversando sobre a roça. Após passar um mês, vieram muitas maritacas voando em cima deles. Então eles foram ver a roça. Quando chegaram, viram todos os alimentos e falaram:

— Nossa mãe plantou os produtos da roça para nós! Agora nós podemos procurar a nossa mãe.

Eles começaram a procurar a mãe deles em volta da roça e a encontraram dentro de um buraco na terra, transformada em paca. Então eles começaram a preparar uma armadilha para pegá-la. Depois de pronta, eles colocaram a armadilha no buraco para pegar a mãe. De repente, apareceu o *Maramu'jangat*, o Transformador. Naquele tempo não existiam muitos tipos de bichos, era essa entidade que ia transformando pessoas em animais, para os bichos aumentarem. O Transformador perguntou para os rapazes:

— O que vocês estão fazendo?

— Nós vamos pegar a nossa mãe.

— Deixe que eu pego para vocês — disse o Transformador.

— Não, deixe que nós mesmos vamos pegar a nossa mãe.

O *Maramu'jangat* fingiu que foi embora, mas na verdade ficou escondido. Quando eles prepararam a armadilha e começaram a tentar tocar a paca para cair nela, o Transformador apareceu de novo e os assustou:

— O que vocês estão fazendo?

Foi assim que eles acabaram deixando a mãe escapar e ela saiu correndo, gritando igual paca:

— We, we, we, we.

O *Maramu'jangat* acabou transformando a senhora Kupeirup em paca. Ele falou para os rapazes:

— A paca sempre vai gostar de ficar na beirada da roça e sempre vai gostar muito de comer milho.

É por isso que até hoje a paca gosta de ficar na roça velha e de comer milho da roça. Antigamente, os rapazes e moças não comiam paca, somente as pessoas mais velhas comiam, mas hoje em dia os jovens a comem. Porém, a paca pode provocar queimaduras nas pernas das pessoas, porque ela foi queimada na roça.

Foi assim, através da senhora Kupeirup, que surgiram os produtos da roça:

- ❖ o dente se transformou em espiga de milho,
- ❖ seu cabelo virou cabelo do milho e também algodão,
- ❖ os dedos se transformaram em amendoim e em pimenta,
- ❖ as pernas em mandioca,
- ❖ as mãos se transformaram em folhas de mandioca,
- ❖ a cabeça se transformou em cabaça,
- ❖ o miolo se transformou em cará,
- ❖ a coxa se transformou em mandioca doce,
- ❖ o leite se transformou em água da mandioca doce,
- ❖ o pé virou mangarito,
- ❖ a língua se transformou em feijão fava,
- ❖ o coração se transformou em batata.

Assim a dona Kupeirup fez os alimentos para o povo antigo e mostrou os produtos da roça que existem até hoje. Dessa mulher surgiu o mito de que a paca não é um bom alimento, faz mal e causa *mirukai* no corpo das pessoas. Assim, o *mirukai* pega nas pessoas somente quando comem paca (Aramut, Arasi, Aruta, Kwariup, Pirapy, Tafarejup, Tamakari, Wyrá'wat e Yefuka Kaiabi, 2007).

Os mitos de origem são a referência para as explicações de inúmeras regras sociais de comportamento, atitude, de relação com o outro, de alimentação e também, muitas vezes, explicam as proibições e dietas especiais que devem ser seguidas em cada fase da vida para se garantir uma boa saúde. As infrações a essas regras geralmente levam à doença.

Segundo as pesquisas realizadas pelos agentes indígenas de saúde, muitas doenças de pele estão associadas aos alimentos proibidos. Algumas doenças, particularmente as mais complicadas, mais graves, estão associadas a feitiços. A seguir, algumas explicações para o aparecimento das doenças de pele.

Para o Povo Kaiabi, segundo Aramut Kaiabi:

Para o meu povo, a doença de pele acontece em qualquer momento da vida porque as pessoas não seguem algumas regras que os mais velhos impõem aos jovens. As regras estão relacionadas a alguns alimentos que causam doença de pele na pessoa durante a vida dela, seja na criança, no adulto ou no idoso. Vou dar um exemplo: para a minha sociedade, comer paca provoca doença de pele, que é chamada *ae kai* (ou *mirukai*) – queimadura, que pode acometer qualquer parte do corpo. A doença de pele também ocorre no recém-nascido, a gestante come o mel de abelhinha *mamairowasing*, *tataeit* e outras espécies. Esse mel pode causar lesão no corpo da criança depois que ela nasce. Quando a pessoa ou a criança mistura alimentos, por exemplo, quando come carne de macaco com carne de cutia também pode causar doença de pele, *pitemunat*. Eram essas doenças que meu povo conhecia. Com o passar do tempo, apareceram o *miraip* e a *tyra* nos Kaiabi. *Tyra* é uma doença parecida com a micose, hipocrômica, que não tem cura e ficará no corpo das pessoas até a sua morte. *Miraip* é uma ferida infectada que fica no corpo todo das pessoas. Essa doença apareceu porque houve muitas brigas entre o povo Kaiabi e os outros índios, nas quais matavam muita gente. Assim, certo dia, mataram uma pessoa que estava com essa doença e, como os Kaiabi gostavam de fazer festa quando guerreavam, trouxeram o corpo para aldeia para comemorar a morte dos inimigos. Durante essas festas eles faziam músicas na forma de poesia. Nas letras contavam a história da guerra entre os Kaiabi e os outros povos. Essa doença, *miraip*, foi trazida para o povo Kaiabi pelo inimigo. Essas duas doenças, *miraip* e *tyra*, eram incuráveis. As pessoas que tinham essas doenças fizeram várias tentativas de curar, mas infelizmente não havia remédio do mato que as curasse. Mas, depois do contato com os brancos, essa doença diminuiu porque eles descobriram ser a doença de Jorge Lobo, para a qual eles conhecem tratamentos. Outras doenças de pele são frequentes hoje porque as pessoas não lavam as roupas, por exemplo. Elas ganham roupas de outras pessoas e não as lavam antes nem depois de usar. Ou ainda, quando a pessoa deita na rede de outra que está com doença de pele também acaba pegando essa doença.

Para o povo Kamaiurá, segundo Sula Kamaiurá:

A doença de pele acontece quando o feiticeiro faz feitiços para uma pessoa e também acomete pessoas alérgicas a algum tipo de alimento, como arraia, jaú, mel etc. O mel pode

provocar feridas e a criança torna-se chorosa. Isso acontece quando mães e pais não respeitam as regras de alimentação durante a gestação.

Para o Povo Kisêdjê, segundo Poan Trumai Kaiabi:

A doença de pele para o povo Kisêdjê acontece porque as pessoas não respeitam as regras e não se cuidam (falta de higiene). Para cada tipo de doença há uma história específica.

Para o Povo Yudjá, segundo Tawaiku Juruna:

Para o povo Yudja, alguns tipos de doenças de pele são transmitidos pela natureza. Essas doenças aparecem nas pessoas de acordo com ambiente e por onde as pessoas passam. Acometem pessoas que caçam ou têm contato com vários tipos de plantas que podem dar alergia e provocar lesões na pele. Algumas plantas provocam coceiras, que costumam desaparecer sozinhas. Outras doenças de pele são causadas pela alimentação, por exemplo, o peixe jaú provoca nas crianças menores de dois anos um tipo de doença de pele, isso acontece normalmente, quando o pai e/ou a mãe não respeitam as regras tradicionais do seu povo. Esse tipo de lesão pode se dar na virilha e na axila, e incomoda muito. A borboleta também pode causar doença de pele. Crianças ou adultos que mexem na asa de algumas espécies de borboleta e passam a mão no corpo sem lavar, podem ser acometidos por manchas brancas na pele, no corpo inteiro. Uma pequena limpeza que a coruja faz no caminho do mato também causa micose nas pessoas, porque elas não percebem e pisam nesse lugar. Algumas doenças de pele também aparecem por causa da sujeira do rio. Tem uma doença de pele que ocorre nos dedos dos pés que, para o meu povo, é causada pela água da chuva. Mamão, cará e abóbora são alimentos proibidos para crianças pequenas, porque também podem causar problemas na pele.

Para o Povo Trumai, segundo Mataripé Trumai:

Para o meu povo as doenças de pele acontecem pelos seguintes motivos: comer alimentos que o organismo não aceita ou porque nunca comeram esses tipos de alimento, como arraia de pinta vermelha; quando a mãe e o pai não respeitam as regras tradicionais durante a gestação e amamentação; quando tomamos banho no rio sujo ou poluído etc. Os antigos Trumai acreditavam que ficar sentado todos os dias na porta de sua casa aumentava o risco de pegar *tanakura*, que é uma ferida crônica. Se o tratamento com erva medicinal não for feito, a doença pode se agravar e prejudicar a saúde da pessoa. Os antigos também acreditavam que sonhar todos os dias que está se arranhando com os dentes de peixe-cachorro (arranhadeira)

era sinal de que ele pegaria *yaw hut hut*, uma lesão avermelhada que vai aumentando na pele, deixando-a esbranquiçada e ao mesmo tempo descamada de tanto coçá-la.

Para o Povo Wauja, segundo Apayatu Wauja:

No meu povo, Wauja, acontece a doença de pele perigosa quando a pessoa coloca *ku-retse* (feitiço) no óleo de copaíba, usada nas festas para pintura, é por isso que acontecem alguns tipos mais graves de doenças de pele.

Para o Povo Ikpeng, segundo Mekirinpô Ikpeng, Piwara Horotowi Ikpeng, Melo-bo Kamaritá Ikpeng e Davids Penewô Y. Txicão:

Para o meu povo, a doença de pele existe desde o seu surgimento. As doenças de pele não aparecem sozinhas nas pessoas, elas acometem as pessoas que não respeitam as regras tradicionais, ou quando comem carne de recongo, ovos de formiga Kulu, parte do traseiro das aves, marimbondo, paca ou capivara. A doença de pele pode existir desde o nascimento da criança, conforme os alimentos que os pais comem. Quando os pais comem os peixes chamados *yetepun*, *pitpirak* e *tangren*, a criança pode ter alergia. A doença de pele também é transmitida quando se deita em rede suja, contaminada. Por isso não deitamos em redes de outras pessoas.

ITINERÁRIO TERAPÊUTICO

Os procedimentos terapêuticos para as doenças de pele são empregados de acordo com o tipo de lesão, extensão, risco e evolução. A prevenção e o tratamento têm início dentro de casa, na família, com o uso de ervas, raízes, óleos e substâncias de conhecimento comum, como o açafraão, urucum, tucum, copaíba etc. Durante o processo de evolução da doença, podem ser chamadas outras pessoas, como os raizeiros, ou donos de determinada erva ou remédio, que detêm um conhecimento especializado e sabem como pedir para os espíritos, donos dos remédios, a permissão de uso e a cura para a doença. Os rezadores sabem as rezas corretas para cada tipo de problema, como a reza para curar o furúnculo entre os Kisêdjê. Os pajés são chamados quando a doença requer a intervenção dos espíritos e a comunicação com o sobrenatural ou o invisível, como nos diz Carmen Junqueira (2000). Atualmente, os profissionais de saúde da medicina ocidental, como os agentes de saúde, auxiliares de enfermagem, enfermeiros ou médicos são chamados para resolver os problemas de pele e muitas vezes trabalham em parceria com os especialistas tradicionais. A esse caminho per-

corrido pelo paciente e/ou seus familiares em busca da cura empregamos o nome de “itinerário terapêutico”, como nos apresenta Langdon (1994).

A seguir, alguns relatos sobre a classificação das doenças de pele e seus respectivos tratamentos³.

Para o povo Kisêdjê, segundo Poan Trumai Kaiabi:

As doenças de pele que existem na visão do povo Kisêdjê são:

Wa krâ yaká: manchinhas brancas, parecidas com as lesões da micose. Para os Kisêdjê, essas manchas que aparecem no corpo da pessoa são causadas pela arraia pintada doente; por isso os Kisêdjê não comem esse tipo de arraia, comem apenas a arraia normal, que é a que não tem pintas (manchas brancas). O tratamento para essa doença consiste em esquentar uma varinha, que é usada para fazer a ponta da flecha chamada *hwadô*, costuma-se usar uma recém-cortada, porque aquela que se usa na flecha não tem mais líquido, já está seca. Depois de cortar a vara, coloca-se na brasa do fogo para se extrair o líquido. Quando ele começa a sair, é passado no lugar onde há as manchas. Esse procedimento é mantido até que as manchas desapareçam.

Wa kraj kasaktxira: micose. Para os Kisêdjê o que provoca essa doença de pele é o jaú, por isso nós não comemos esse peixe. Essa micose é tratada com uma raiz chamada *kukhâj nhi-monsô*; ela deve ser aquecida no fogo, macerada ainda quente e passada no local da micose. A frieira no pé, *wahwaj tomtomtxi*, também é tratada com essa mesma erva.

Wanhikotxi: abscesso na pele. Para os Kisêdjê, segundo a sabedoria dos pajés (*mê katwân khet djê*), essa doença de pele é uma praga do espírito da natureza, que vai de casa em casa à procura das pessoas preguiçosas e das pessoas que não acordam cedo. É uma infecção que vem de dentro da pele, com inchaço, dor e febre. Quando a lesão estiver no ponto, deve-se usar *horé* (flecha) bem apontada para furá-la. Depois de tirar todo o pus de dentro, coloca-se no local um fio de buriti, para que não cicatrize logo, facilitando a saída do pus. Quando a pessoa percebe que a infecção melhorou, tira-se o fio de buriti, para que haja a cicatrização. Também é importante a reza de um especialista para diminuir logo o edema. Usam-se também folhas de batata e de mandioca, que devem ser aquecidas no fogo e colocadas em cima da lesão, para que o edema e a infecção não aumentem.

Kusê: furúnculo. É uma infecção na pele. É curada com os mesmos procedimentos realizados para *wanhikotxi*, menos o de furar com *horé*. Segundo os mais velhos, comer muito ovo facilita o aparecimento do furúnculo.

Mbeni: tipo de infecção na parte subcutânea da pele, que causa edema, hiperemia, febre alta, dor e, depois de um tempo, surge uma ferida com muitos pontinhos ao seu redor, característi-

3. Estes relatos foram extraídos das Pesquisas de Campo realizadas pelos agentes indígenas de saúde (AIS), que fazem parte do curso de formação desenvolvido pela Unifesp na área de abrangência do baixo, médio e leste Xingu, DSEI Xingu/MT.

cos dessa doença. A pessoa que contraiu essa doença não pode comer nenhum tipo de alimento doce, como banana, batata, mamão etc. Segundo o mito, se a pessoa comer esses alimentos doces a doença evolui muito rápido, podendo levar à morte. Essa doença não é transmissível, mas deve ser tratada, assim que contraída, por profissionais que saibam diagnosticá-la e não tenham medo nem dó. Ela não é fácil de ser diagnosticada, às vezes parece ser apenas uma ferida comum e a pessoa vai tratando só com remédio do mato, enquanto a lesão vai piorando. Mas quando é descoberta no início, a pessoa que é especializada em corte procura por uma concha que se encontra no fundo do rio, depois de encontrar a concha o doente é chamado, e o profissional retira a lesão cortando-a profundamente com essa concha. A pessoa que tem a doença sente muita dor, porque não se usa nada para anestesiá-la. O único tratamento é esse, e se a lesão não for bem tirada, a doença volta. Quando estiver muito avançada, ela não tem tratamento e pode levar à morte. Para os Kisêdjê, o que causa essa doença é um tipo de geleia de cor verde que fica no fundo da água, às vezes grudada numa pedra, tem característica de cera de mel, por isso tem esse nome de *mbeni*. Só as pessoas mais velhas é que sabem identificar a doença. É por isso que as pessoas não podem pegar essa geleia. As mães e os pais de crianças pequenas observam e orientam os filhos para que não peguem nessa geleia para brincar. Muitas vezes crianças brincam com *mbeni* que encontram no rio, mas a doença pode levar anos para aparecer. Não se usa nenhum remédio do mato nas lesões dessa doença.

Krâ Kabentxi: é uma inflamação da pele caracterizada por muito edema, dor, hiperemia e febre no local da lesão. Quando não é tratada, pode virar uma infecção, que deixa uma cicatriz muito feia (meio afundada). O tratamento é feito com tucum. Primeiramente o tucum é queimado no fogo e a pessoa deve defumar a lesão nessa fumaça, até que o tucum vire brasa. Depois, pega-se brasa do tucum e mistura-se com o próprio óleo de tucum. Essa mistura deve ser passada na região da lesão até que ela melhore. Quando a pessoa que está tratando a inflamação é um rezador, ele passa a mistura e vai rezando, assim a lesão melhora mais rápido.

Kupekratxi: qualquer machucado que vira uma ferida, podendo ser apenas uma inflamação, com ou sem pontos de pus. Pode ser por causa da picada de mosquito ou muito piolho, que costumam causar lesões infeccionadas na cabeça. É tratada com a seiva de uma folha chamada *hwisôsyahoró*, que é extraída quando arranca-se folha do galho.

Mênhôôtxi: monilíase. São plaquinhas brancas iguais ao leite grudado na região bucal. Essa doença é tratada com o líquido de banana ou *hwîkajkhîrê* – tipo de madeira leve – que é cozido e levado à boca da criança ou do adulto.

Para o Povo Kaiabi:

As doenças de pele que meu povo conhece são: furúnculo, micose, escabiose, *miraip*, *pitemunat*, *ae jap*, *ae kai*, sarampo e catapora. Antigamente meu povo não conhecia essas doenças de pele que são sarampo e catapora. Então, não sabem como tratar.

Cada doença de pele tem um tratamento tradicional e algumas não têm tratamento. O tratamento para furúnculo é *muanpasinge* e *ysineyp*; a raiz deve ser raspada e passada no local, no qual é feito um furo para o pus sair. Deve-se continuar passando a raiz no local até que a lesão melhore.

Não existe um tratamento tradicional para *miraip*, mas ela pode ser aliviada ou controlada. O que se faz é queimar dente de piranha e, depois de queimar, colocar um pouco de água nas cinzas. Em seguida você deve passar essa água com cinzas no local da lesão.

O tratamento para micose, *tyra*, é *pyaupiat* – um líquido verde e amargo, que fica grudado no fígado do peixe. O local da lesão deve ser raspado antes de se passar o remédio.

O tratamento tradicional para *ae jap* – ferida – é queimar a folha e a semente do algodão e *iniaywet*. É preciso colocar a lesão em cima da fumaça. A fumaça entra na ferida, ajudando-a a cicatrizar. Para *pitemunat*, o tratamento tradicional é pegar o timbó no mato, espremer seu veneno e dar um banho na pessoa com esse líquido. Também se usa a folha de *ka'a kasing*: além de tomar banho com essa folha, o pajé também a passa no corpo da pessoa rezando e conversando com os espíritos.

O tratamento tradicional para *ae kai* ou *mirukai* – queimadura – é pegar uma cuia, reparti-la ao meio e tirar o miolo, que deve ser passado no local da lesão. Outro tratamento para essa doença é caçar, matar e tirar o sangue de uma jacutinga, para passar no local da lesão. Esse é o tratamento para queimadura.

Para o Povo Yudjá:

Existem alguns tipos de doenças de pele, como *iya-ibidamã*, *nasusu-ibidamã*, *pitxa-urahihĩ-ibidamã*, *pewapewa*, *bi'ata'ata*, *wareware seha*, *piata*, *kirĩta* e *hui'ĩ-apeta*.

Iya-ibidamã normalmente é tratado com óleo de inajá misturado com urucum. Para *nasusu-ibidamã* as pessoas usam uma planta trepadeira que fica na beira do rio, chamada *iyanauka*. *Bi'ata'ata* é o nome geral de coceira, prurido. *Piata* se trata com erva medicinal, principalmente uma frutinha. *Wareware seha* é tratada com *iyanauka*. O tratamento de *kirĩta* é feito com as fezes de um peixinho (carazinho). *Pitxa-urahihĩ* se trata com açafrão e um tipo de gengibre. A *pewapewa* é tratada com batata moqueada; outra forma de fazer com que a doença desapareça é uma pessoa encostar no doente sem avisar, se ele levar um susto e sair gritando, depois de alguns dias, a doença desaparece.

Para o Povo Trumai, segundo Aramy Trumai Kaiabi:

Existem várias doenças de pele no conhecimento do povo Trumai. A minha mãe me contou que *yaw kitsi kitsin* é causada pela picada de mosquito e muriçoca. Feridas comuns, *yaw elemxo*, são causadas por picada de formiga, carrapato e mosquito. *Yaw huts*

é um tipo de coceira que deixa a pele ressecada, grossa e descamada – como ela aparece, a minha mãe não disse. *Yaw patsae* são manchas brancas avermelhadas que aparecem no corpo quando comemos alguns alimentos que fazem mal à pele. O abscesso (*kutsut*) aparece na pele como picada de formiga e é doloroso. Essas são as doenças de pele no conhecimento Trumai.

Para todas as doenças de pele conhecidas pelo povo Trumai há remédio: para *yaw hut*, usa-se uma raiz chamada *saruiaw iwal*. Essa raiz é raspada, misturada com urucum ou *murukuiu* e água e deve ser passada quente no local, mas antes é preciso arranhar a pele para que o líquido da raiz entre na ferida. Durante o tratamento não se pode comer alguns tipos de peixes, como jaraqui, curimba e piau. A raiz deve ser usada até a coceira sarar.

Para as manchas brancas (*yaw kitsikitsin*), tem um outro tratamento que chamamos de *tsinapai*, que é uma árvore que tem na beira do rio. Dessa árvore é tirada a massa da entrecasca, que deve ser misturada com urucum e água e aquecida para se passar no local. Há também uma raiz chamada *tsinon maskakwach*, um tipo de maracujá que tem no mato, que também é usada para essas doenças.

Para *tanakura* há dois remédios: o primeiro, chamado *tanakura oken*, parece uma cabaca. Ela deve ser aberta quando o sol esquenta, deve-se retirar as sementes de dentro dela, amassá-las e misturá-las com um pouco de água. A mistura deve estar morna quando for passada no local. O outro remédio tem o nome de *tehnene iat*, se parece com ciriguela, que também é usada no tratamento dessa doença.

O tratamento de abscesso (*kutskut*) é simples. É usada a semente de algodão e uma raiz. Para passar na ferida, a semente deve ser bem macerada e misturada com água. O remédio deve estar quente. É usado também o fio de buriti para deixar dentro da ferida, mas antes é preciso furá-la com dente de peixe-cachorro. Então é introduzido o fio de buriti, para que fique mais fácil de tirar toda a secreção.

Para as feridas (*yaw elemxo*), o tratamento é feito com uma frutinha que fica na beira do rio, essa frutinha é tirada, descascada, socada e misturada com água, como outros remédios. A mistura deve estar quente para passar nas feridas.

Em manchas brancas e avermelhadas (*yaw patsae*), o tratamento para essas lesões são duas raízes, a primeira é *ika'da patak*, folha larga; a outra é *ika'da supi*. Essas duas raízes são usadas da mesma maneira que os outros tratamentos tradicionais dos Trumai.

Para o Povo Kamaiurá, segundo Sula Kamaiurá:

Existem vários tipos de doença de pele, mas eles não sabem dar o nome próprio para essas doenças na língua portuguesa. Na língua indígena são: *tsitsinga ruijap*, *miruru* (ferida), *miremona ruijap*.

Existem vários tipos de raízes para essas doenças, depende do diagnóstico do raizeiro. Usamos raízes: *janyparan*, *yrykuran*, *yrykujup* e *ka'api'i*.

Para o Povo Ikpeng, segundo Mekirinpô Ikpeng:

As doenças de pele que existem no conhecimento do meu povo são: *pilawat*, uma doença muito perigosa que é leishmaniose; *antango* também é uma doença perigosa e pode causar a morte; *peri* é uma ferida comum; *turi* é uma doença que fica durante a vida, ela nunca sara, seca por alguns dias, mas volta novamente; *mutu* é uma doença que fica na parte do “corpo externo”, pode coçar bastante e dói muito; *orek* é uma lesão dolorida, sem pus, fica dentro da pele, pode inchar muito e ficar grande.

Algumas doenças de pele existem até agora e outras não existem mais.

O tratamento tradicional para o meu povo é usar as ervas do mato, como: *kurium*, *tarik*, *angejewi*, *walap*. Esses são os remédios para as doenças de pele no conhecimento do meu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa reflexão busca dar subsídios para o trabalho de campo e apontar caminhos para o enfrentamento dos problemas relacionados às doenças de pele entre os povos indígenas.

Um caso interessante que vivenciei foi de uma criança com uma queimadura extensa no braço que procurou a Unidade Básica de Saúde (UBS). A família tinha passado algo que eu não conseguia identificar, resolvi limpar o local e fazer um curativo; no dia seguinte ela voltou à UBS sem o curativo e novamente com a mesma substância. Conversei com a mãe sobre a importância de deixar limpo o local e refiz o curativo. No seu retorno a situação se repetiu. Então conversei com a mãe com ajuda de um Agente Indígena de Saúde (AIS) sobre o que elas estavam usando e resolvemos manter o tratamento tradicional. Orientamos a família para deixar o local coberto, sendo que o AIS iria observar os sinais de inflamação. Em uma semana estava totalmente cicatrizado. Eu só entendi o que estava ocorrendo quando perguntei o que estavam usando para queimadura e me explicaram como era feito, onde pegavam e para que servia. Dessa forma, parei de querer impor o que eu achava que era o correto e consegui respeitar sua cultura e conciliar os meus cuidados com o da mãe [relato de uma enfermeira da equipe de saúde local].

Para o acompanhamento dos casos e a intervenção terapêutica é fundamental ter em conta as explicações e os procedimentos terapêuticos tradicionais

indígenas, em busca do diálogo, de uma negociação para alcançar resultados positivos.

A compreensão do processo saúde-doença em suas diferentes dimensões, a associação de processos terapêuticos e a perspectiva do diálogo devem nortear as ações dirigidas a esses povos.

Desenho de Tawaiku Juruna, agente indígena de saúde. Pintura Corporal do Povo Yudja, PIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHILLET, D. 1991. "A Antropologia da Doença e os Sistemas Oficiais de Saúde". *Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia*. Belém, Ed. Cejup.
- JUNQUEIRA, C. 2000. "O Mundo Invisível". *Revista Margem*, Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo, Fapesp, 10, pp. 129-138.
- CLASTRES, P. 2000. "Da Tortura nas Sociedades Primitivas". *A Sociedade contra o Estado – Pesquisas de Antropologia Política*. São Paulo, Cosac Naify.
- DAOLIO, J. 1995. *Da Cultura do Corpo*. Campinas, Papirus.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2010. *Povos Indígenas no Brasil: Ikpeng*. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/ikpeng>, acesso em mar.
- KAIABI; ARAMUT; ARASI; ARUTA; KWARIUP; PIRAPY; TAFAREJUP; TAMAKARI; WYRA'WAT & YEFUKA. 2007. "Tradução do Mito de Origem dos Alimentos", documento elaborado durante o Curso dos Agentes de Saúde, nov.
- LANGDON, E. J. 1994. "Representações de Doenças e Itinerário Terapêutico dos Siona da Amazônia Colombiana". *Saúde e Povos Indígenas*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz.
- _____. 1995. "A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica". In: *Conferência 30 Anos Xingu*. São Paulo, Escola Paulista de Medicina (palestra).
- LE BRETON, D. 2006. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, Editora Vozes.
- MENDONÇA, S. B. M. 2007. *Relatório do Curso de Formação dos Agentes Indígenas de Saúde do Médio, Baixo e Leste Xingu – Módulo sobre Meio Ambiente, Doenças de Pele e Parasitoses Intestinais*, jun. PIX.
- Revista Margem*. 1999. Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP/Fapesp, São Paulo, v. 10, pp. 129-138.